



maçã
do amor



Esta revista é mantida pelo trabalho de voluntários

REVISTA MAÇÃ DO AMOR



Uma revista cheia de açúcar

TÃO TÃO DISTANTE

DEZEMBRO DE 2023

SÃO PAULO-SP

A Revista Maçã do Amor é uma publicação digital cujo objetivo é divulgar e unir artistas de escrita e artes visuais, valorizando e expondo a arte nacional. A Maçã do Amor acredita em duas coisas: que todo mundo merece uma história de amor e que cada um tem uma visão única do que é amor, por isso a proposta é colocar em destaque o amor romântico.

Nossa missão é incentivar escritores e artistas visuais a descobrirem seu potencial criativo, entrando em contato com seus sentimentos e promovendo troca de experiência e valorização de artistas nacionais.

Carta da Editora

Querido leitor,

Você se lembra da primeira vez que mergulhou nos contos de fadas e se deixou envolver por suas emoções?

Crescemos cercados por este encanto, através dos livros infantis e de muitos filmes da Disney. Até hoje, essas histórias continuam a povoar nosso imaginário.

Como você já deve ter percebido, aqui na Maçã do Amor, não resistimos a uma pitada de magia e aos finais “felizes para sempre”. Assim como também gostamos de princesas que sabem se defender, encontros românticos com príncipes, princesas e até mesmo com bruxas – que de más só têm a fama.

Nas próximas páginas, você encontra releituras de algumas das histórias que marcaram nossas infâncias: princesas, sereias, nobres cavaleiros, bruxas e garotas presas em torres.

Os contos de fadas que conhecemos foram inspiração para que os autores criassem histórias únicas. Esperamos que essa edição faça você se sentir em um reino repleto de amor e magia.

Boa leitura!

Tatiane Lucheis

Melodia do Oceano

Letícia Monalisa Andrade

7

Minha Amada Rapunzel

Elisa Guimarães

21

Amor Além do Amor

Laeticia Monteiro

25

Vale a Pena

Carolina Saiki

31

Correio Elegante

Bruna Paiva

44

A Bruxa

Anna Toledo

48



Melodia do Oceano

AUTORIA LETÍCIA MONALISA ANDRADE

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Letícia Monalisa Andrade é sergipana, jornalista e escritora do livro “Crimes na Pedra Mística”. Nascida em 2001, é uma geminiana que adora falar sobre seus gostos e conhecer pessoas novas, por isso compartilha sua experiência literária na internet desde 2015 e também é administradora do clube do livro “Ôxe, leitor!”. Costuma dizer que vive e respira palavras, parafraseando Cassandra Clare, e encontrou na escrita uma forma de refúgio e de enxergar a si mesma.

Com o anoitecer, as águas ganhavam um tom mais escuro, os guardas ficavam mais relapsos e a família real recolhia-se, cada um em sua concha. Safira aproveitou a breve calma da madrugada para escapar pela janela do quarto, batendo suavemente a cauda azul em direção às profundezas. Suas escamas possuíam um degradê de azul e branco, e sua pele marrom cintilava.

A iluminação do fundo do oceano vinha em feixes de luz prateada, uma benção recebida da lua opulenta no céu. A mãe de Safira costumava dizer que os olhos da filha também eram um presente lunar e, por isso, sua íris tinha esse tom prateado. Desde então, toda vez que a sereia vislumbrava o corpo celeste, não podia deixar de sorrir. Ouviu tantas histórias que passou a infância toda acreditando ser uma guerreira da lua, e, até hoje, com seus vinte e quatro anos, tentava canalizar essa força. Precisaria de muita para conseguir construir seu próprio destino.

À medida que avançava, fazendo o costumeiro caminho sinuoso, suas longas tranças prateadas acompanhavam o movimento, desviando das ocasionais algas e criaturas marítimas. Após nadar por vários minutos, deparou-se com um ponto onde já não era possível receber nenhuma iluminação proveniente da superfície. O fato não era um problema, pois onde era mais fundo também havia mais magia. E o poder dotava as correntezas de brilho, irradiando das profundezas em todas as direções, mostrando sua força.

O povo de Atlantique, no entanto, temia tudo o que fosse mágico. Havia uma lenda alertando sobre o perigo de nadar tão próximo das profundezas, diziam que existia uma força capaz de sugar todos aqueles que se atrevessem a ultrapassar o limite. Além disso, rumores circulavam acerca de criaturas perigosas. Com o passar dos anos, as histórias perderam forças, mas o pavor do desconhecido estava enraizado. Por outro lado, Safira nunca se deixou intimidar, pensava nas lendas como

apenas uma tentativa de afastar as pessoas. E, se eles queriam afastar, então havia um motivo. Ela adorava desvendar mistérios, assim como adorava um bom desafio.

Seu pai, o rei de Atlantique, tentou criá-la para entender de política e de administração, para se casar com um bom rapaz e nunca deixar o castelo. Fazia questão de repetir diariamente que seu maior sonho era passar o trono para sua única filha, e insistia que tutores e guardas a acompanhassem a cada passo. Safira de fato adquiriu conhecimento vasto sobre a área, já havia participado de reuniões com outros reinos, como seu pai queria, mas sua alma clamava por mais. Queria explorar além das fronteiras, conhecer a cultura da superfície e as criaturas da parte reclusa do oceano. Em uma das vezes que arriscou chegar à superfície, conseguiu captar fragmentos de conversas dos humanos, ouviu um casal planejar uma viagem pela Europa, logo após o casamento. E ela imaginou como seria se apaixonar e compartilhar um sonho.

Talvez o amor não fosse para ela, pois nenhum dos rapazes que havia conhecido conseguiu despertar sua atenção. Mais um fator que não se encaixava nos planos do pai para ela. A história de sua vida havia sido escrita em pedra há tempo suficiente para tornar-se irrevogável, mesmo que seu coração gritasse que não pertencia ali.

Aos 20 anos, sua inquietação a impulsionou a fazer pequenas fugas durante a madrugada. Como seu pai descobriu sobre suas idas à superfície, redobrou os cuidados e deu início a explorar o oceano sozinha. Havia presenciado a riqueza do mar, seres de todos os tipos, cores, texturas e tamanhos. Quando retornava, fazia questão de preencher diversas páginas de seu diário. Era a parte mais emocionante do dia, viajar pelo oceano e escrever sobre tudo. O registro no papel era uma prova de suas vivências e descobertas, algo que ninguém podia tirar dela.

Na expedição de hoje, no entanto, ela não iria a um lugar novo. Safira nadou pelo que pareceu uma eternidade até encontrar a caverna esculpida nas pedras, localizada na região sobre a qual a população tinha medo até de pensar. As pedras esverdeadas eram pontiagudas no teto e nas laterais, formando um arco intimidador. Havia uma silhueta esperando por ela, sentada em uma cadeira de corais.

O coração de Safira aqueceu ao ver o cabelo roxo de Aretusa caindo em ondas, os fios eram tão longos que se misturavam a sua cauda volumosa, espalhada ao redor feito o tecido suave de um vestido longo. Sua pele tinha um tom suave de lilás, e suas mãos dedilhavam o piano enquanto ela murmurava a melodia.

Safira foi de encontro a Aretusa com tudo, abraçando-a tão forte que ambas perderam o equilíbrio e o instrumento fez um barulho em reclamação.

— Sentiu minha falta? — Safira sussurrou, afastando o cabelo dela para deixar alguns beijinhos na curvatura de seu pescoço.

Aretusa riu, ajustando-se no assento e enlaçou a cintura de Safira com seus braços, puxando-a para seu colo. Safira aninhou-se junto a ela, virando um pouco de lado para poder olhar seu rosto.

— Talvez um pouquinho — brincou, roubando um beijo estalado. — Estava tentando compor uma canção antes de você chegar. Tenho apenas uma parte da melodia até agora.

— Eu acabei ouvindo um pouco, me pareceu uma canção esperançosa, mais radiante, sabe?

Aretusa deu um sorriso pequeno e acariciou a bochecha de Safira, arrancando-lhe um riso frouxo.

— Então, você achou esperançosa?

— Consegui sentir isso pelo trecho que ouvi.

O canto onde elas estavam na caverna possuía luzes mágicas no teto, e Safira aproveitou para apreciar bem cada detalhe do rosto anguloso de Aretusa. Desde o violeta de seus olhos, brilhando em ternura, até o nariz pequeno e os lábios macios. Queria se certificar de que ela existia mesmo, e não era apenas um sonho.

Aretusa parecia fazer o mesmo, pois as duas ficaram em silêncio por um momento, apenas assimilando a presença uma da outra.

— Acho que, de alguma maneira, a música tem um pouco de você — confessou Aretusa, quebrando o silêncio.

Os olhos prateados de Safira se arregalaram.

— De mim?

— É, eu deixei minha mente vagar, quando percebi já estava com as mãos nas teclas e parecia que a melodia jorrava de dentro de mim.

Aretusa retornou a tocar, ainda com Safira confortável em seu colo. Com um pouco de sua magia, o instrumento possuía a amplificação certa para ficar em um volume agradável. A melodia calorosa preencheu o ambiente, de início devagar, depois ficando ritmada. Safira logo se contagiou e observou atentamente as teclas para tentar aprender também. Era fascinada e faminta por arte, apesar do pouco incentivo dentro do castelo.

A bruxa do mar havia aperfeiçoado aquela grande caverna com seus poderes em uma tentativa de deixá-la habitável. De tempos em tempos, fazia alguns ajustes para melhorar a acústica. Naquele lugar relegado, a música era tudo o que tinha.

— É lindo, Arê. É tão lindo. Eu estou encantada. As notas me atravessaram e ressoam aqui — Tocou o próprio peito. — Como uma ponte do seu coração para o meu.

O olhar de Safira para Aretusa era preenchido de carinho, como se ela conseguisse reunir todo seu sentimento ali, no brilho prateado de seus olhos. Aretusa tinha muitos anos de existência e de reclusão também, mas aquele olhar a fazia se sentir viva como nunca antes. Combinado com o sorriso e as palavras doces, parecia sua sentença de liberdade.

— Encontrei, finalmente, o caminho para o seu coração? — brincou Aretusa, aproximando seus rostos, o olhar desceu para os lábios bem preenchidos de Safira. Os cabelos das duas eram levados pela água, criando um véu prata e roxo em torno delas.

— Você encontrou desde o primeiro dia que te vi. Parece que já havia um espaço destinado apenas para você, e eu nem havia me dado conta.

Aretusa não conseguia parar de sorrir, mesmo quando avançou, segurando o rosto de Safira com as duas mãos, beijando-a com urgência. Safira respondeu na mesma avidez, ajustando sua posição no colo de Aretusa e firmando o

aperto em sua cintura.

No interior das duas, era como se houvesse o encontro entre mares, uma correnteza convergindo. Safira pressionava o corpo contra Aretusa, que desceu uma das mãos para trazê-la para si; nunca parecia perto o suficiente.

Apesar da urgência em seus movimentos, a série de beijos era pontuada por pequenos sorrisos e suspiros. Elas construíam a própria melodia, uma sucessão de notas que ora parecia ter a força do mar, ora carregava a suavidade de uma brisa.

A primeira vez que Safira encontrou a caverna foi há dois anos, enquanto vagava sem rumo pelo oceano. No tempo, suas saídas do castelo eram raras, uma vez ao mês no máximo, mas eram o suficiente para ajudá-la a organizar os pensamentos. Havia certa empolgação em não saber o que esperava por si, e essas pequenas fugas a faziam sentir viva. Descobriu, então, para além da escuridão, um rompante de luz vindo de uma escavação profunda. Era um poço de luz infinito, oscilando em um azul, verde e branco.

No entanto, não foi a fonte de magia que fisgou sua atenção. O ar carregava um zumbido pesado, e ao fundo era possível ouvir um canto melancólico acompanhado de um piano. A voz tinha uma cadência capaz de embalar o coração da sereia. Esgueirou-se pela caverna, perdendo o fôlego ao deparar-se com uma figura encantadora. Naquele momento, descobriu a verdade por trás das lendas.

Logo foi descoberta e abordada por uma bruxa, que se chamava Aretusa. Deveria temer a presença de tanto poder, porém Safira sentiu um impulso, um desejo de passar mais tempo ali, então falou a primeira coisa que veio à mente:

— Você pode me ensinar a tocar?

Aretusa riu, sem acreditar, e falou para ela ir embora, pois ali era uma região perigosa; porém, vendo a expressão triste de Safira, resolveu lhe dar uma condição.

— Não costumo conceder desejos facilmente, mas para você o farei em troca de um segredo. O que tem a me oferecer?

Desde então, Safira passou a compartilhar muito de si com Aretusa. De início, era apenas para conseguir a companhia dela, depois as duas passaram a conver-

sar tanto que as aulas de piano ficaram esquecidas, e os sentimentos começaram a afluir. Como a única alternativa possível, Safira levou uma vida dupla pelos últimos dois anos, mostrando uma personalidade para o palácio e deixando apenas Aretusa ter acesso a sua verdadeira essência.

Quando se afastaram, a bolha que parecia envolvê-las estourou. Trazida de volta à realidade, no presente, Safira soltou um suspiro triste, segurando a mão de Aretusa junto ao próprio peito, onde era possível sentir o coração batendo em disparada.

— Queria não ter que voltar para o castelo. Queria que fosse diferente.

Aretusa assentiu e suspirou também.

— Safira, há um reino à sua espera, você tem toda uma vida pela frente. Não precisa ficar presa na parte mais sombria do oceano. Eu já aceitei que é o meu destino ser esquecida aqui, cuidando da fonte de magia, mas não precisa ser o seu.

— Essa é a questão, Arê. Essa vida não é minha de verdade, é?! E quando eu olho para você, eu quero ser corajosa. Quero fazer tantas coisas, escuto minha alma cantando.

— Eu queria que você alcançasse tudo o que o seu coração deseja, queria ser capaz de entregar o oceano nas suas mãos, mas não podemos simplesmente ignorar a realidade. Não quero trazer problemas para você.

De tempos em tempos, elas tinham essa mesma conversa e, no fim, não havia uma resposta clara. Safira não sabia o que fazer com tanta expectativa e responsabilidade jogadas em suas costas acerca de governar Atlantique; Aretusa queria sonhar com um futuro para elas duas, mas já vivera o suficiente, já havia sofrido o bastante, para se deixar levar pela esperança.

Safira fechou os olhos, sentindo-se perdida e incapaz. Era impressionante como pensar sobre o futuro podia arruinar momentos tão bons. Evitava ao máximo, mas às vezes era atingida com tanta força que perdia o chão, quase não podia aproveitar o presente. Era corroída por culpa e medo. Aretusa estava junto a si, compondo uma música para ela, nunca havia se sentido tão caída de amores e,

mesmo assim, sua mente lhe roubou esse momento.

Tentava convencer a si mesma de que não havia tempo a perder lamentando o futuro, pois, ao amanhecer, os guardas trocariam de turno e notariam sua falta, quando ouviu um tremor.

— Você ouviu isso? — Safira tentou ouvir melhor, o volume aumentava em uma velocidade rápida.

Aretusa olhou para os lados e xingou baixo. Levantou-se em um pulo e colocou Safira de volta ao chão. O coração parecia prestes a explodir e suas mãos tremiam. Mesmo em posse de tanta magia, sentia-se impotente.

— É o alarme da caverna. Nos acharam.



— Que comportamento mais sem cabimento, uma irresponsabilidade das grandes, não esperava isso vindo de você. — O rei andava em círculos na sala de reunião do palácio enquanto Safira estava sentada, as mãos inquietas em seu colo. — Já pensou o escândalo que aconteceria caso a fonte de poder fosse descoberta? Eu não quero nem pensar na quantidade de gente que se arriscaria e morreria ali, sugada pelo poço. O que lhe deu na cabeça para confiar em uma bruxa?

Safira sentiu as lágrimas queimando seus olhos e engoliu o nó na garganta. Os olhos vagaram pela sala de reunião decorada em dourado, assim como todo o castelo. De vários quadros retratando a linhagem da família real, o preferido de Safira era um no qual seu pai e sua mãe estavam lado a lado, posando para a câmera com elegância, a pequena Safira estava no meio deles, com um grande sorriso. Naquela época, as coisas eram mais fáceis.

— Eu fiquei tão preocupado quando não te achei no quarto, não posso te perder também, Safira. Não posso. Por que você foi atrás de problemas? Aquelas criaturas já fizeram muito mal para esse reino, já enganaram tanta gente e levaram

vários para o caminho da morte. Você não pode ser mais uma.

Safira levantou-se em um impulso, passando a mão de maneira exasperada pelo rosto. Sua expressão assustou o rei, que logo encerrou seu sermão. Nunca tinha visto a filha expressar consternação, ela sempre parecia inabalável.

— Não posso fazer isso. Eu não posso. Eu não aguento mais — disse em um fiapo de voz. Respirou fundo algumas vezes e depois reuniu coragem para continuar: — Pai, eu não posso mais viver assim.

— Você tem obrigações com esse reino, Safira, minha filha, não seja imatura.

— E, quando chegar a hora, eu vou honrar meu dever. Mas se for para governar, que seja em meus próprios termos. Não quero abdicar da minha vida para servir ao povo, não é justo. E quero Aretusa do meu lado. Eu a amo.

O rei possuía o rosto retorcido em uma carranca, sua pele um pouco mais escura do que a da filha carregava suaves marcas da idade e o cenho estava franzido. Ele permaneceu imóvel, na postura que adotava quando estava diante de uma crise no reino.

Safira estava eufórica, a respiração difícil, o estômago embrulhando. Ainda tinha muito a ser dito, mas havia certo alívio ali, depois de ter silenciado e obedecido durante a maior parte de sua vida. Teve medo de decepcionar o pai depois da morte de sua mãe e passou sua adolescência toda tentando atender suas demandas, ela quis ser a filha que ele tanto queria, mesmo sentindo-se à deriva. Anos mais tarde, quando caiu em si, ficou com medo de falar como se sentia e magoá-lo com uma mudança súbita de comportamento.

Nesse momento, orgulhou-se de ter soltado as palavras presas há muito tempo, apesar de que ainda havia uma parte de si disposta a proteger os sentimentos do pai. Safira chorou ruidosamente quando ele saiu do cômodo em silêncio, com o olhar fixo no chão.



Na semana seguinte, o mundo que Safira construiu com cuidado havia ruído, virou apenas uma tempestade de areia. Seu pai recusava-se a lhe dirigir a palavra, evitava a presença da filha até mesmo no momento das refeições. O silêncio parecia pesos amarrados a seus pés, sua sentença final. Também estava proibida de deixar o castelo, o que significava que não havia nenhuma forma de contato com Aretusa desde o momento em que os guardas a levaram. Aprisionada ao próprio quarto, não conseguia escrever mais em seu diário pois enchia as páginas de lágrimas.

Quando tinha ânimo para sair do quarto, vagava pela biblioteca real, sempre acompanhada de guardas, enquanto buscava toda informação possível acerca do passado e da história do reino. Para ela, não fazia sentido ser a única na linha de sucessão de Atlantique, assim como não fazia sentido uma pessoa tão poderosa como Aretusa viver reclusa na caverna. Sempre que Safira tocava no assunto com Aretusa, deparava-se com um olhar repleto de pesar e não insistia. As leituras não trouxeram respostas, porém distraiu sua mente e cessou suas lágrimas por ora.

Ao fim da semana, Safira agarrou-se ao batente da janela, o mais perto que podia chegar da lua em suas circunstâncias, e pediu que lhe mostrasse uma alternativa. Tentou resgatar na memória o som da voz de sua mãe, ela era justa e sábia, participava dos processos de decisão ao lado do rei. Seu carisma facilitava acordos com reinos próximos, por isso Safira sempre foi muito bem recebida, diziam que a princesa havia herdado muito da mãe, que fora muito querida e respeitada. Perdida em pensamentos, foi então que a ideia tomou forma em sua mente, e correu de volta para a biblioteca.

Após consultar alguns livros movida pela urgência, buscou papel e caneta. Safira precisava escrever uma carta.

A resposta demorou dois dias para chegar, ela leu o conteúdo em segundos e logo irrompeu para fora do quarto.

— Senhorita, para onde está indo dessa maneira? — Um guarda tentou contê-la, mas Safira se apressou até chegar no escritório do rei.

— Pai, agora você terá que me ouvir. — Safira jogou a carta na mesa, baten-

do com as mãos ali. Seu pai deu um sobressalto, olhando-a pela primeira vez em dias. Movida pela adrenalina, tentou manter-se firme e disparou: — Está resolvida a questão do trono.

— Safira, temos uma lei, isso é incontestável...

— O reinado vizinho aceitou de muito bom grado unir-se ao nosso.

— O quê? — O rei levantou da cadeira, quase derrubando a mesa.

— Fiz um plano de 5 anos de transição até a união. Será um acordo benéfico para ambos os reinos, e não envolve casamentos. Quando chegar minha hora de assumir o trono, estarei aqui para tratar das questões e também serei livre para vagar oceano afora, já que compartilharei a responsabilidade com o outro povo. Não há desculpas para me prender aqui, pai. Se nós fazemos as leis, podemos muito bem alterá-las.

O rei, exasperado, pegou a carta e começou a ler. Ao terminar, seu olhar brilhava em desespero.

— As coisas não são tão simples assim. — O rei respirou fundo e continuou em voz baixa. — Safira, eu quero te proteger.

— Mas você não pode, pai. Não pode me aprisionar nesse castelo, isso não é viver. E a mamãe com certeza não iria querer isso para mim. Ela diria para você me deixar tomar minhas decisões e arcar com elas.

— Safira, eu não... — O rei fungou, depois continuou em uma voz fraca. — Na verdade, eu estive pensando esses dias no que fazer, as coisas estão saindo dos conformes. Eu queria mais do que tudo que sua mãe estivesse aqui.

O coração dela fraquejou com o vislumbre do pai sobrepondo a figura imponente do rei. Era mais comum o inverso, sentia falta dele.

— A gente precisa conversar, pai. Você precisa confiar em mim, e não pode me impedir de ver Aretusa.

O rei a olhou por alguns segundos, lágrimas escaparam, escorrendo pelo rosto. Levou um momento para contê-las e se sentou novamente na cadeira, com a postura ereta.

— Vou permitir você visitar sua... — buscou a palavra — ...*amada*, mas vamos tratar dos negócios primeiro.



Safira fez o caminho conhecido na maior velocidade que conseguiu, passou feito um borrão por criaturas bioluminescentes e alguns polvos gigantes, e logo estava na entrada da caverna de pedras esverdeadas.

— O que aconteceu? Você está bem? — Aretusa correu em sua direção.

Era a primeira vez que tinha notícias de Safira depois da invasão dos guardas da realeza. Eles a levaram e não houve tempo para uma despedida. Aquela cena fixou-se na mente da bruxa do mar de maneira dolorosa. Mais uma perda.

— Arê, você fez uma revolução no meu coração — Safira declarou de maneira repentina, movida pela adrenalina. — Te amar me fez descobrir tanto sobre mim e sobre tudo. E as coisas não podem continuar do jeito que estavam.

— O que você quer dizer? — Aretusa se aproximou, tentando buscar respostas nos olhos prateados de Safira e se viu refletida ali.

Safira segurou com firmeza o rosto de Aretusa, certificando-se de que aquele momento era real.

— Eu encontrei uma alternativa. Consultei diversos livros, planejei tudo, fiz contato com o reino vizinho e um acordo com meu pai. Vou ter um ano livre, mas depois eu preciso retornar e resolver algumas pendências acerca da transição. Vamos unificar os reinos, mas não precisarei estar aqui o tempo todo.

Aretusa suspirou aliviada, o tempo todo o seu coração doía, tentando se preparar para uma despedida.

— E a primeira coisa que eu quero fazer é viajar para a superfície com você. Já estive na Europa?

Safira finalizou sua fala com uma risada, enquanto algumas lágrimas escor-

riam pela bochecha. Aretusa a acompanhou no riso, atônita com as boas notícias. Parecia bom demais para acreditar, então ela inclinou o rosto e beijou os lábios de Safira. Seu coração aflito começou a suavizar, derretendo aos toques de Safira. Enquanto assimilava as palavras ditas, imaginou elas duas aproveitando o luar na superfície. Aretusa sorriu entre o beijo e a apertou mais forte contra si. Quando conseguiu entender que aquilo estava realmente acontecendo, afastou-se, pois percebeu que chegou a hora da verdade.

— Minha Safira... — Suspirou, acariciando a bochecha dela com o polegar. Levou um tempo antes de retomar a fala: — A imortalidade parecia uma maldição para mim. Vi minhas irmãs serem destruídas pela ambição, elas ceifaram vidas inocentes até que a própria magia cobrou delas, uma a uma, e eu estava prestes a seguir seus passos. Já vi aqueles que mais amei partir e eu não tinha mais forças para continuar. Quando eu aceitei ficar escondida aqui e garantir que ninguém se aproveitasse do poço, estava querendo me esconder de mim mesma. Ser esquecida. Mas tudo mudou nesses dois anos.

Safira olhava para ela como se estivesse diante da coisa mais preciosa do oceano. Preenchia todo o coração de Aretusa saber que aquele olhar destinava-se apenas para ela.

— Eu amo ser vista por você — continuou, o sorriso pintando seu rosto e contagiando sua voz. — E eu quero viver esse sonho contigo.



A brisa fria da noite fez Safira estremecer um pouco, enquanto tentava se equilibrar ao pisar na areia com seus recém-adquiridos pés humanos. Havia escolhido um local próximo ao mar, para que Aretusa pudesse recarregar suas energias. Aretusa a abraçava de lado, garantindo que ela não caísse, quando, na verdade, ela não queria se afastar nem por um segundo. Para além dos pés, Aretusa provi-

denciou um visual humano o suficiente para garantir a sobrevivência delas em terra firme. Os olhos lilás e prateados ganharam um tom comum de castanho, mas os cabelos continuaram coloridos, apenas mais curtos.

Para sorte de Safira, era dia de lua cheia e ela pôde admirar o corpo celeste em todo seu esplendor. Lembrou das brincadeiras de criança, das histórias que sua mãe lhe contara e continuou a caminhada com felicidade estampado no rosto.

Silenciosamente, pediu à lua que abençoasse sua nova jornada e dissesse para sua mãe que ficaria bem. Safira usaria esse ano de férias para explorar o mundo e aprender culturas diferentes, poderia até escrever alguns livros para o reino, compilando suas descobertas. Além disso, estava indo atrás de si mesma, e estava muito bem acompanhada.

Minha Amada Rapunzel

AUTORIA ELISA GUIMARÃES

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Elisa Guimarães é goiana de nascença, niteroiense de criação e carioca por opção. É jornalista, tradutora e, antes de tudo, escritora. Publicou os contos “Os Moradores” na coletânea Escritos da Quarentena e “Ticket Pendente” na newsletter Faísca.



Minha amada Rapunzel,

Ouvi, outro dia, o som de uma cascata de cabelos caindo sobre uma superfície dura e achei que fossem as tuas tranças chegando para me buscar no adro em frente à torre. Descobri que não eram da pior forma possível. Levantei-me ensandecido do banco da taverna. Tateei no escuro, procurando os fios longos e pesados que faziam aquele barulho que, por tanto tempo, foi o despertador que me acordava para a vida depois dos dias exaustivos de trabalho. Encontrei-os. Encontrei a dona deles, também. Eram macios, não vou mentir. Tanto os fios quanto a mulher que os jogava de um lado para o outro, dançando em cima do balcão. Disseram-me que eram louros, assim como os teus. Cheguei a pensar em passar a noite com ela, mas me faltava dinheiro. Queria poder dizer que sou um homem melhor que isso, Rapunzel, mas não sou. Não estou acima do desespero.

Cedi, e não tenho vergonha de confessar, quando uma mulher me levou pela mão a um quarto que cheirava a lavanda, assim como o teu. Naquela noite, eu tinha dinheiro. Não me pergunte como consegui. Isso, sim, eu tenho vergonha de contar. De qualquer forma, não era muito. Passei apenas duas horas com ela e fingi que a coberta jogada para o lado da cama era uma das tuas tranças — ela tinha cabelo curto. E ruivo, pelo que me contaram.

O desespero quase me pegou também uns dias atrás, mas, dessa vez, não tomou forma de mulher. Disfarçou-se de penhasco e esperou silenciosamente que eu chegasse até ele. Eu estava fugindo dos gendarmes — de novo, não me pergunte por quê — quando o encontrei. Estava perdido na mata, andando sem rumo à procura dos meus companheiros, e quase caí no abismo. Um dos meus pés chegou a tocar o vazio. Foi por pouco que me salvei. Porém, ali, diante daquele imenso nada, pensei no homem que me tornei e na falta que sinto de ti, e quis

acabar com tudo. O canto de um pássaro, tão doce quanto o teu, me lembrou de que você ainda está por aí, em algum lugar, talvez até naquela mesma torre. Depois, os gritos e os sacolejos de um companheiro me lembraram de que, mesmo sem ti, eu preciso seguir em frente.

Mas é difícil. A verdade, minha querida, é que eu ainda sinto no corpo a dor do dia em que te vi pela última vez. Não a dor da queda, nem dos espinhos rasgando a minha carne, nem mesmo a dor dos meus olhos sendo perfurados. A dor que eu sinto é a da separação. Tu me acompanhas nas minhas andanças como um membro fantasma, e eu não sei mais andar de nenhum jeito que não desnorteado. Não porque não enxergo mais. Você se surpreenderia com o quanto um cego é capaz de fazer. Eu me surpreendi. Porém, nada do que eu aprendi desde que aquela bruxa me jogou naquele espinheiro me levou até você. Posso ter encontrado teu cheiro e teus cabelos em tavernas e bordéis, mas não encontrei você. Não encontrei a tua voz, o teu riso, os teus elogios e as tuas reclamações.

É por isso que estou voltando, Rapunzel — voltando para o espinheiro, voltando para a tua prisão. Sei que talvez tu não estejas mais aí, e que talvez nem receba esta carta. Mas não te preocupes: não pararei de andar enquanto não te encontrar. Manterei os ouvidos abertos para escutar o teu canto, o nariz apurado para sentir o teu cheiro, as mãos estendidas para encontrar o teu corpo e as tuas tranças. Dessa vez, não me deixarei levar pelo medo e pela solidão.

Por favor, espere por mim.

Do teu amado

P.S.: Pedi ao escrevinhador que colocasse folhas de pinho no envelope para que tu também te lembres do meu cheiro.



Amor Além do Amor

AUTORIA LAETICIA MONTEIRO

REVISÃO LUÍSA SCHEID



A Laeticia é uma bruxa literária, uma escritora que já amava escrever antes mesmo de aprender a ler e que vê a escrita e a criatividade como fontes inesgotáveis de magia. Escreve fantasia, mas passa 80% do tempo lendo comédia romântica. É a louca dos cursos, adora fazer testes de personalidade, gasta muito mais tempo na Netflix do que deveria e pode ser encontrada em [@escrevalae](#)

Assim como um relacionamento não é tão mágico quanto um “e viveram felizes para sempre”, escrever sobre amor romântico e contos de fadas também não é tão simples quanto pode parecer. As complexidades começam no fato de que as versões da Disney que tanto nos encantam (porque, sim, elas encantam), são apenas isso mesmo: *versões*. Os contos ancestrais coletados por antropólogos, escritories e folcloristas vão bem além daquilo que vimos nas telas e, no entanto, atualmente, essas versões são muito mais conhecidas do que os próprios contos.

A princípio, isso pode não parecer um problema tão grande. Porém, como todas as adaptações, os filmes que amamos não passam de um *recorte* de algo muito maior, mais antigo e mais profundo. Claro que nesse recorte eles ainda conseguem carregar algo do poder original de um conto ancestral — inclusive, é justo por causa dessa centelha mágica que eles continuam nos encantando até hoje —, só que isso também resultou em alguns efeitos um pouco mais nocivos: as famosas romantizações. Romantizações de papéis de gênero, características de personalidade, tipos físicos, etnias, sexualidades e, é claro, do próprio amor romântico.

Recentemente, eu e uma amiga proximíssima estávamos conversando sobre nossos sonhados “casamentos de contos de fadas” versus “pedidos de casamento da vida real” — que não são exatamente pedidos, mas milhões de conversas sobre onde morar, onde casar e como pagar tudo isso (à vista? em 12x? carta de crédito? cheque? morar com a sogra?). Ou seja, estávamos conversando sobre toda a falta de glitter, romance e glamour que encontramos na realidade fora de nossos contos, livros, filmes e cabeças preferidos.

Ficamos pensando sobre como a vida — adulta em especial, mas não necessariamente — é uma sucessão de momentos em que pensamos: *então quer dizer que a vida não é um conto de fadas*.

Talvez o primeiro impacto venha quando descobrimos que, infelizmente, não existe mágica no mundo real. Talvez quando descobrimos que “amor à primeira vista” costuma ser mais sobre as nossas expectativas e crenças do que sobre a outra pessoa. Talvez quando esbarramos na dura realidade de que não basta nos esforçarmos para que consigamos o resultado que buscamos. Ou, talvez, em um divórcio ou término que mostrem que um “felizes para sempre” é impossível.

Porém, a queda de todas essas fichas não mostra apenas as frustrações geradas pelas “mentiras que nos contaram na infância”, tampouco as disparidades absurdas nos dispositivos de gênero, nada disso. Essas consciências que vamos ganhando ao longo de cada “choque de realidade” mostram também que estamos olhando da forma errada para os contos de fadas e nos fixando demais em alguns contos de fadas específicos. Precisamos ir além da Disney.

A força nutritiva profunda contida nas narrativas arquetípicas dos contos ancestrais acabou sendo substituída pela busca pelos padrões inatingíveis que acabaram sendo exaltados pelas adaptações estereotípicas. Quando a Disney faz da princesa uma mulher magra com perfeito corpo ampulheta e da vilã uma mulher gorda ou esquelética de feições caricatas, a mensagem que fica é a de que só alguns tipos de corpo é que podem ser princesas. E receber amor. E serem felizes para sempre. E... essa reflexão ainda pode nos levar para muito, muito longe, mas, vamos voltar um pouco atrás, para o fim do parágrafo anterior.

Quando eu digo que estamos nos fixando demais em alguns contos de fadas específicos, quero dizer que existem vários contos de fadas que mostram que a vida é muito mais complexa e dinâmica do que a estabilidade ilusória do “felizes para sempre”. Acabamos atrelando os contos de fadas ao amor romântico de maneira forte, mas existem tantas outras formas de amor dentro dos contos e tantas outras lições que eles podem nos ensinar.

É por isso que é necessário que olhemos para os contos de maneiras mais amplas. A princípio, isso não é nada óbvio e pode ser pouquíssimo intuitivo, porém, à medida em que vamos encarando essas histórias desta forma, vamos per-

cebendo que as coisas fazem muito mais sentido. E isso acontece porque existem, no mínimo, duas maneiras bem diferentes para se ler e se interpretar um conto de fadas: de forma literal ou de forma psicológica.

E as diferenças entre as duas leituras podem ser gritantes. Peguemos como exemplo o conto “Barba Azul” (sugiro que se você ainda não leu o conto, pause a leitura agora e dê uma conferida antes de continuar!).

Em uma leitura literal, o “Barba Azul” de Charles Perrault é uma história que fala de feminicídio e misoginia. A jovem protagonista do conto e esposa do exótico Barba Azul merece a morte, assim como as falecidas (leia-se: assassinadas) esposas que vieram antes, pelo simples fato de que desobedeceu ao seu marido e ousou ser curiosa. A moral da história é que a curiosidade mata o gato, as mulheres curiosas e também as esposas que não vivem apenas para o próprio marido. Nessa leitura, veríamos como o Barba Azul representa a cultura misógina e truculenta do patriarcado, veríamos a protagonista (que sequer tem nome) como uma representação do que pode acontecer com uma mulher que não adere às normas sociais vigentes, mas que é salva pelo gongo por sua família.

E notemos como é emblemático que essa protagonista não tenha nome próprio. É como se ela não tivesse contornos e existisse apenas dentro dos relacionamentos de sua vida, como “esposa do Barba Azul” ou “irmã mais nova”. Sua falta de existência em si é um retrato de como tantas mulheres se perdem dentro dos ideais desse amor romântico adoecedor que nos foi vendido desde pequenas e reforçado em obras mais recentes, como **Crepúsculo**, por exemplo.

Agora, em uma leitura psicológica, como a que é proposta pela Dra. Clarissa Pinkola Estés no célebre **Mulheres que correm com os lobos**, cada personagem e acontecimento dentro de um conto de fadas podem ser encontrados dentro de uma mesma pessoa. *Como é que é, Laeticia?* Isso mesmo! Cada estrutura dentro de um conto de fadas é, na verdade, uma estrutura dentro de nós. Vamos continuar com o exemplo para que faça mais sentido!

Nesse tipo de leitura, o Barba Azul não é um inimigo externo disfarçado

de bom moço, mas um sabotador interno trabalhando no seu inconsciente para te manter o mais miserável possível. O ato de abrir a porta e encontrar as cabeças decepadas de quem veio antes de você não é uma demonstração do poder masculino e do nível da misoginia dentro do patriarcado (e se você achar isso um exagero de histórias fantasiosas, sugiro dar um Google em “casamentos de Henrique VIII”). Abrir a porta é um processo de iniciação dentro das nossas próprias sombras, um momento visceral e doloroso, mas necessário para que não continuemos apegados às ilusões e correndo o risco de nos tornarmos marionetes do nosso inconsciente.

Olhando através dessas lentes, aprendemos a encontrar símbolos nos contos e a ver toda a jornada de um conto lições valiosas, nos afastando de simplificações perigosas. Por exemplo, vemos frequentemente, na vida e na arte, aquele tipo de heroína ou coadjuvante que é um verdadeiro “centro de reabilitação para macho” (pense em **Belo Desastre** e **50 tons de cinza**). Se fizermos essa leitura literal de “A Bela e a fera” poderíamos encontrar uma reprodução desse padrão e até pensar que o conto corrobora com essa visão e considera isso um ideal romântico. Mas, em uma leitura psicológica, essa é uma história que trata de diversos temas e nenhum deles é a defesa da mulher como responsável pelo cuidado, cura ou gerenciamento de um homem.

E, mesmo que olhássemos por uma perspectiva um pouco mais literal, existem contos que mostram que consentimento e o respeito por si mesma e seus próprios limites também são importantíssimos, ainda que nossa cultura tenha optado por reproduzir histórias em que o “beijo do amor verdadeiro” é dado à mulheres inconscientes (será por que?). Um exemplo disso é o conto “Pele de foca, pele da alma”, presente em **Mulheres que correm com os lobos**.

Nesse conto, encontramos criaturas mágicas que parecem focas, mas que ao saírem da água deixam ao chão suas peles de foca e se transformam em mulheres. Eis que várias dessas criaturas estavam dançando na praia quando um homem se enamorou por uma e percebeu a pele dela caída na areia. Quando todas as companheiras decidiram voltar ao lar, aquela criatura não pôde ir, pois sua pele havia sido

roubada pelo homem.

E aí, resumindo a história, ela concorda em passar 7 anos com ele na terra, eles têm um filho e ela definha um pouco mais a cada ano, a pele ficando seca, o corpo perdendo a força. Quando o 7º ano finalmente chega, ele decide que não vai entregar a pele de volta coisa nenhuma. É apenas graças à sua mãe e ao seu filho que ela consegue recuperar a pele para voltar ao mar, mas, pasmem, ela se sente culpada por magoar o homem... (Quantas de nós não fazemos isso?)

Porém, apesar da culpa, ela decide ficar no mar, pois é àquele lugar que ela realmente pertence e seu filho poderá visitá-la ali sempre que quiser (sim, ele respira debaixo d'água). Ela conta para sua mãe que foi difícil magoá-lo, mas que ela não poderia voltar, pois se voltasse se tornaria uma prisioneira. E aí a dúvida que fica é: por que não estamos lendo *esse* tipo conto desde crianças? Para aprendermos que existe amor e existem idealizações sobre o amor que representam riscos de vida para nós?

Será que nós queremos mesmo continuar desejando um “amor de conto de fadas” moldado pelo trio parada dura (capitalismo, patriarcado e colonialismo) ou será que queremos conhecer a verdadeira sabedoria dos contos? Meu convite é para que possamos ir além das adaptações condensadas, para que busquemos todas as lições e curas escondidas nos contos e as usemos para criarmos vidas, relacionamentos e realidades que façam mais sentido para nós e para o mundo que queremos. Os contos e as fadas podem nos levar para muito além do amor romântico.

Vale a Pena

AUTORIA CAROLINA SAIKI

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Carolina tem 22 anos e atualmente mora em Juiz de Fora durante o período letivo da faculdade de Jornalismo e em Betim durante as férias. Começou a escrever aos 14 anos e não conseguiu parar, publicou seu primeiro romance “Lendas do Mar” na Amazon e um conto na edição Melodias do Maçã do Amor. Já acreditou que era uma princesa e, quando descobriu que isso não era verdade, criou uma realidade onde isso era possível. Atualmente, ela explora esse mundo imaginário em busca de boas histórias.

Então era assim que ela se sentia sentada naquela torre sem nada para fazer. Talvez por isso que Bárbara sempre parecia tão animada quando eu chegava. Por mais que odiasse estudar magia, pelo menos era algo para se ocupar. Também quero fazer algo além de sentar e levantar da cama.

O turno dos guardas na porta da cela muda, vejo um deles chegar com minha bandeja de comida. Ele me encara enquanto coloco as mãos acorrentadas atrás da cabeça e espero a porta ser aberta para a refeição insossa ser depositada no chão à frente.

— Sua amiguinha continua desaparecida — ele resmunga. — O rei vai des-
contar a fuga dela em você.

Fico quieto. Não ousa me mexer enquanto o guarda não tiver fechado a porta da cela. Todos eles têm permissão de me matar caso achem necessário. Mesmo que o ferro anule qualquer poder, não sei o quanto sabem disso, e nem quero testar. Se eu respirar de forma a acreditarem que estou fazendo magia, serei um homem morto.

As desvantagens de ser um mago finalmente apareceram.

— Você ficava horas com ela na torre — o homem insistiu. — Estou tentando te ajudar pedindo que fale algo. Qualquer coisa.

— O rei prometeu quanto? — Ele me olha confuso. — Quanto qualquer informação sobre Bárbara está valendo?

O soldado suspira e resmunga uma maldição antes de sair e fechar a cela. Os homens conversam sobre como a garota na torre deve ter me enfeitado para manter a boca calada. Tento não rir enquanto tiro as mãos da cabeça e me levanto para pegar o que parece ser uma sopa.

Bárbara não é capaz de fazer uma única faísca mágica, mesmo que a exis-

tência dela dependesse disso. Quantas vezes isso foi explicado em vão para o rei? Se juntar todos os professores que ela teve, poderíamos ter uma ideia.

O rei: nenhum homem tão instável e obcecado deveria ter tanto poder nas mãos. Poucas pessoas sabem a história da menina da torre. Ela era uma sombra que aparecia na janela ou uma voz doce quando os dias eram silenciosos o suficiente para quem tivesse coragem de atravessar a floresta até a construção de pedra.

Eu ainda era um aprendiz quando os boatos sobre ela começaram a se espalhar na vila. São várias as histórias que ouvi: a filha de uma bruxa poderosa que não podia controlar os poderes, uma criança com uma maldição, uma garota com cabelos mágicos, ou o próprio mal encarnado em uma pessoa. Todas elas estavam erradas.

Coloco a colher com um pouco da sopa na boca e percebo, sem surpresa, o quão sem gosto está, mas sorrio de forma involuntária. Minha cabeça não consegue parar de pensar em Bárbara saindo daquele lugar apertado pela primeira vez na vida. Nas pausas de suas aulas, ela costumava ficar na janela me falando sobre as espécies de árvores que tinha à vista, o que faria se pudesse tocar o chão e todas as aventuras capazes de imaginar. Quase podia ver ela correndo descalça para sentir a grama, subindo nas árvores e rindo. Dói-me saber que nunca mais ouviria sua risada.

Quando o rei me empossou como novo professor da garota na torre, a última coisa que esperava encontrar era uma moça extraordinariamente normal.

No primeiro dia que entrei naquele pequeno mundo que era a torre, Bárbara estava lendo um livro em voz alta. Entoava cada personagem de formas diferentes, quase gritando um discurso acalorado de quem iria para a guerra. Quando ela parou, resmungando que não aguentava mais o tédio, percebeu-me ali. O rosto dela ficou vermelho e sua boca hesitou uma risada. Foi o momento que meu coração parou de bater um pouco, mesmo que não tenha reparado.

— Está aí há quanto tempo? — ela disse cruzando os braços, tentando manter uma confiança, mas sendo traída pelo próprio sorriso sem graça.

— O suficiente para querer... como você disse? — Fiz uma pausa para vê-la revirar os olhos. — Defender nossas mulheres e crianças, permitir que eles

tenham mais dias e...

— Garantir um lugar seguro com nossas mortes. — Ela hesitou, mas terminou de falar. — Porque nossas vidas podem ter algum valor, mas o amor vale a pena.

Ela balançava a cabeça, perdida em algum lugar não acessível para mim por alguns segundos. Então, de volta à realidade, ela me olhou de cima a baixo e falou:

— Deve ser o novo professor. Na próxima, peço que faça algum barulho depois de usar magia para chegar aqui.

Concordei com aquele pedido para manter a privacidade dela, vendo o famoso cabelo nunca cortado dificultar seus movimentos. Não demorou muito para começar a odiar aquele cabelo, junto com a torre e até mesmo o rei.

Um fato engraçado sobre a torre: ela não tem segurança. Não é necessário, foi projetada para que fosse impossível entrar e sair. As paredes foram construídas para que o melhor escalador caísse e quebrasse o pescoço e não há portas.

Uma pequena janela era o único contato de Bárbara com o lado de fora. O jeito era entrar por meio de um feitiço passado apenas para seus professores. Era uma magia ridiculamente complexa que só me colocava para dentro da torre ou me tirava de lá se estivesse em um lugar específico. Mais um meio de segurança do rei.

Os professores ficavam encarregados de entregar comida e água para ela todos os dias. Mas se não tivesse um, a janela tinha um gancho no qual os soldados jogavam uma corda para subir uma pequena cesta com os mantimentos. Naquele dia, senti-me um pouco estúpido por estar carregando uma cesta de palha com a refeição dela e logo me livrei daquilo colocando sobre uma mesa de madeira.

Bárbara não parava de me encarar nesse primeiro contato e, assim que o livro foi depositado em sua estante, ela disse curiosa:

— Você é jovem. Os outros eram sempre velhos.

— Sou talentoso... — comecei corrigindo-a.

— Ah! — ela disse me interrompendo e não contendo o deboche. — Sinto muito, não consegui reconhecer isso com um olhar.

— O que quero dizer... — continuei achando justa a brincadeira comigo. —

É que o rei acredita que posso ter sucesso onde seus outros professores falharam.

Ela sorriu e deu de ombros. Naquela altura da vida, Bárbara já tinha entendido e aceitado que a capacidade dela de manipular magia deveria ser nula, se não fosse negativa. Não me entenda mal por falar dela desse modo, mas às vezes me pegava abismado com como alguém não conseguia nem fazer uso de objetos mágicos.

Levou dois anos de teimosia minha e muita dedicação sincera dela para que fosse capaz de avisar ao rei que ele não possuía uma garota singular como parecia querer tanto afirmar. Ele não me deu ouvidos e começou a falar sobre encontrar um novo professor.

Não sei por que não fiz como todos os outros magos e deixei o rei com a própria loucura. Mentira, sei o porquê. Queria vê-la mais vezes. Gostava de ir até sua torre, vê-la cantar, declamar poemas e contar as histórias que inventava de futuras aventuras fora da torre. Nossa amizade foi construída e firmada nas brincadeiras e no bom humor dela quando as coisas davam errado, aos poucos ela passou a me receber com abraços e fazia lanches de forma antecipada para nós dois. Ela era incrível em toda a sua normalidade. Então, por que estava presa? Se a garota não tinha a magia incrível que o rei afirmava ter e nem aparentava ser perigosa, por que ela foi presa? Um dia, perguntei a ela.

— Engraçado que você levou dois anos para me perguntar isso — ela começou a responder rindo. — Os outros professores perguntavam após a primeira semana.

Bárbara parou de tentar fazer a vela acender com as mãos e sentou ao meu lado no pequeno sofá.

— A história pode ser até minha, mas não começa por mim — ela falou suavemente. — Meu pai e a minha mãe eram caçadores de recompensas, o que deveria ter rendido aventuras incríveis para ambos, apesar de só saber da que acabou comigo aqui.

Esperei, vendo a felicidade falhar no rosto dela algumas vezes.

— O rei contratou os dois para roubar algumas frutas mágicas para além

das fronteiras. Não conheço as lendas a respeito, mas sei que eles foram e voltaram com uma fruta a menos do que o rei havia solicitado. — Ela tirou os olhos de mim e voltou para o céu através da pequena janela. — Minha mãe, no caminho, descobriu que estava grávida e na volta, teve um sangramento muito intenso. Acreditaram que o bebê... eu estava morrendo. Foi quando comeu uma das frutas.

Conhecia aquelas frutas, o rei as havia guardado bem e tinha uma equipe de magos apenas para descobrir as melhores formas de usá-las. Não era segredo que nosso governante queria aumentar nosso poder mágico, nenhum outro reino treinava tantos magos, mas, na época, não tinha compreendido que ele já havia cruzado o limite do aceitável.

— A minha mãe e eu ficamos bem. Claramente — ela continuou em um suspiro. — Mas ninguém tinha muita certeza do que aconteceria conosco. Então, o rei pediu para que ela ficasse no castelo, só para uma pequena observação. Quando quis ir embora, essa torre já tinha sido construída e eu nasci aqui dentro.

Pela primeira vez vi o rosto de Bárbara triste. Percebi que ela não queria continuar a história, mas nem precisava. Vê-la ali, naquele cômodo pequeno, arrastando o cabelo por todos os lados era o final. Ela tentou sorrir para mim, em uma tentativa falha de me consolar.

— O rei tem certeza de que absorvi algum poder mágico da fruta. — Ela deu de ombros. — Nem meu cabelo ele me deixa cortar com medo da magia ter ficado nele. A situação beira ao ridículo. Talvez seja ridículo, mas não vejo graça por ser a minha vida.

Olhei para as mãos dela, aquelas que ficavam o dia inteiro tentando fazer pequenos truques. Nesse dia, percebi como as unhas eram roídas, maltratadas pela ansiedade, vi como a pele dela era pálida pela falta da luz do sol e como o cabelo estava cheio de nós. Bárbara é uma pessoa cheia de vida, mas vivia uma pela metade. Tomei as mãos delas nas minhas.

— E seus pais? — digo hesitante.

— Nem ideia. — Ela deu de ombros, caminhando até a estante de livros. —

Foi o rei que me contou a história, não sei se posso confiar em tudo que me disse.

Ela tirou de um livro um papel de carta com a marca real. Vi a caligrafia conhecida do meu governante e depois para a garota da torre.

— O rei fala que meus pais me entregaram de bom grado. — Ela engoliu em seco. — Eles entendiam a importância de descobrir o que sou capaz de fazer. Se um dia conseguir, ele me prometeu avisá-los para que venham me visitar.

Olhei para a carta, incrédulo pela promessa. Pela data, aquela carta tinha sido dada a ela quando criança e, ali estava, as palavras de um homem para uma menina que seus pais haviam abandonado, mas que ela poderia vê-los se fosse boa o bastante.

— Por isso você ainda está tentando? — Minha pergunta saiu hesitante.

Bárbara sorriu, ainda não entendi o motivo daquele sorriso, mas ela o fez.

— O que me resta? Vou continuar tentando por eles, o amor vale a pena.

Fui na direção dela rapidamente e a apertei contra mim, não demorou muito para que os seus braços estivessem ao meu redor e seu rosto em meu ombro. Não tenho ideia de quanto tempo permanecemos assim.

As lembranças daquele dia me fazem crer que estar preso agora é um preço muito baixo diante a liberdade dela. Óbvio que o plano não era esse, mas é melhor do que permitir que ela passasse mais dias de sua vida tentando agradar um homem que não merece nada.

Um barulho do lado de fora me faz levantar e olhar pela pequena janela que dava para o pátio da minha cela. Era um lugar muito mal iluminado e a falta da luz do luar não ajudava na visibilidade. Ainda assim, consegui ver os cavalos correndo sem rumo, derrubando algumas coisas e as pessoas correndo atrás. Alguém não deve ter fechado a porta do estábulo direito, não consigo resistir ao riso e os soldados me mandam calar a boca.

Volto para a cama e mexo meus pulsos com as algemas em busca de alívio do peso delas. Os magos podem até enfeitiçar o metal, mesmo que fosse difícil, mas não são capazes de fazer magia com ele tocando a pele.

O peso que sinto em meus braços só me faz pensar o quanto quero que Bárbara tenha se livrado do cabelo enorme. Percebo que não posso fugir dela na minha mente.

Depois de descobrir sobre sua história, passei a ajudá-la a lavar, pentear e prender todo o cabelo com magia. Isso tirava um enorme desgaste de sua rotina, mas não era o suficiente para lhe dar conforto total. Agora que tinha fugido, espero que as mechas loiras tenham sido cortadas.

O plano para libertá-la teve seu início enquanto minhas mãos passavam pelo seu cabelo, mas não nasceu nessa época. Nasceu quando o rei me deu um prazo para dar resultados das aulas ou então trocaria o professor.

Esse tempo concedido era o necessário para pensar como tirá-la da torre sem grandes problemas e talvez encontrar seus pais.

Não era possível usar a mesma magia de entrar e sair que usei ao longo dos anos como professor. Só poderia voltar para um lugar fixo ao sair da torre e sempre havia soldados me esperando para o relatório ao rei. Só sobrava a janela e a altura.

Na época, ainda acreditava que minhas atitudes estavam embasadas em uma pura e genuína vontade de libertar aquela moça gentil e que queria tanto viver. Gostaria de adiantar que sou burro o suficiente para não ter percebido que desde o primeiro dia, aquela garota incapaz de lançar um feitiço me enfeitiçou. Bárbara era mais inteligente e já tinha percebido isso, obviamente.

— Petrus — ela me chamou um dia sorrindo, escondendo algo em suas costas.

Fiquei parado à sua frente, já imaginando o que seria. Já fazia quatro anos que tinha me tornado seu professor e todos os anos ela cozinhava biscoitos para comemorar meu aniversário. Ano passado tinha ganhado um lenço bordado também.

Animada, ela deixou o pacotinho de pano amarrado em minha mão, satisfeita pelo presente. Assim, rapidamente, beijou minha bochecha e se afastou devagar, olhando para meu rosto em busca de reação.

Gentilmente, coloquei os biscoitos em cima da mesa e a puxei pela cintura

para um beijo que estava me segurando para não dar. Naquele dia, deixei para trás uma moça com bochechas coradas e um sorriso triunfante na torre.

Pelo menos eu a beijei, suspiro frustrado sentando na cama.

As pessoas no pátio ainda estavam lutando contra os cavalos e escuto correria pelos corredores perto de mim. Uma noite agitada não era comum.

Fazia duas semanas que estava preso e acredito que não ficaria mais tempo. O rei, eventualmente, me condenaria à forca por ter soltado ou ajudado a libertar a garota na torre. Sei que, nesse meio tempo, um toque de recolher foi decretado. De acordo com nosso monarca, a moça da torre era perigosa o suficiente para isso ser necessário.

Bárbara já deve estar longe. Uma pena que não poderia ajudá-la em mais nada. Não teria muito a oferecer, mas a magia era bastante útil.

Ainda acho ridículo a forma como descobri como tirar Bárbara da torre. Acho que a simplicidade da resposta dificultou encontrar a solução. Apenas enfeitei o cabelo dela para que fosse resistente o suficiente para carregar seu peso sem machucá-la. A estrutura da corda já existia, agora ela só teria que ter coragem para descer daquela altura.

O rosto dela se iluminou quando prometi que a tiraria dali. Nunca sonhei que veria ela chorar, mas as lágrimas não foram contidas por seus olhos.

No fim, Bárbara teve que se salvar sozinha e a coragem dela ultrapassou qualquer obstáculo à frente. O rei descobriu meu plano de tirá-la da torre por uma indiscrição minha nas compras para a fuga. Com a minha data limite tão próxima, seria impossível não desconfiar. Ele me prendeu como preventivo no dia que tínhamos combinado de fugir, três dias antes da minha última chance de mostrar resultados.

Fico feliz que ela tenha ido, mesmo que eu tenha de ficar preso. O amor vale mesmo a pena.

O barulho da confusão continuou e parecia cada vez mais próximo. Escuto alguém chamar os guardas na frente da minha cela no corredor, precisam de ajuda urgente e eles saem.

Pela primeira vez em duas semanas, estou sozinho. Meu susto foi tanto que levanto para tentar ver o que está acontecendo, mas as algemas presas no chão não me deixam ir até as grades. Estico o corpo o máximo que posso, estou com a atenção dividida entre ouvir e entender a confusão no castelo e tentar pensar em uma forma de escapar.

Nesse momento, uma pessoa aparece na porta da minha cela e tenta desesperadamente abri-la. Por hábito, coloco as mãos na cabeça e vou para o fundo do cômodo, sem saber quem é.

Não consigo conter o riso quando percebo que a pessoa de cabelos cortados na minha frente é Bárbara, com um sorriso.

— Você não tem ideia do trabalho que me deu chegar aqui — ela fala abrindo a porta e puxa as minhas mãos presas, me mostrando molho de chaves nas suas. — Achei que não ia te encontrar a tempo.

Vejo-me livre e na frente da garota que deveria estar longe daqui.

Afasto as mechas do cabelo loiro, que agora batiam em seus ombros, e seguro seu rosto, grato em vê-la mais uma vez. Óbvio que a beijei.

— Não temos tempo — ela resmunga rindo e me puxa. — Rápido!

Uma vez fora da cela, vi o que estava causando tanta confusão, as luzes das chamas preenchiam o corredor e anunciavam a chegada do fogo. Paro um segundo contendo o choque.

— Você botou fogo no castelo? — pergunto, permitindo que ela me puxe para o lado oposto.

— Não tinha uma forma mais fácil de entrar sem ser percebida — ela responde. — Era isso ou correr o risco de ser pega.

Mais uma vez paro de correr e puxo seu braço para trazê-la para perto de mim. Agora com as mãos livres, não tinha porque ficar correndo. Em um estalo de dedos estávamos na floresta, observando as chamas cobrirem parte do castelo.

— Colocou fogo no castelo mesmo! — falo, não contendo a surpresa enquanto sento no chão. Preciso de uns minutos de descanso antes de tirar a gente

dali para mais longe.

— Você está ferido? — ela diz, agacha-se ao meu lado, puxando meu rosto, me olhando com calma. — Não fizeram nada com você, né?

— Pare com isso, estou ótimo — digo empurrando levemente a mão dela e sorrindo com carinho. — Como você está?

— Não era eu que estava presa em uma cela! — ela reclama.

— Mas estava presa em uma torre — rebato, não contendo a risada quando vejo a expressão de raiva tomar conta de seu rosto. Não tenho medo de acrescentar: — Não deveria ter voltado.

— E deixar você preso? Estava na fronteira quando fiquei sabendo o motivo de você não ter ido comigo.

Nego com a cabeça. Bárbara, de fato, era mais corajosa do que qualquer um poderia dar-lhe crédito.

— Se tivesse continuado agora estaria livre.

— O que custa agradecer, mago orgulhoso? — ela fala emburrada.

Não digo nada, apenas passo o braço ao redor dela e permito abraçá-la. Ficamos assim por segundos antes de ela falar:

— Por que arriscar o pescoço para me salvar, Petrus? — ela continua ali, escondida no meu pescoço. — Não estava em perigo, por que correr esse risco?

Alivio o abraço para poder olhá-la nos olhos e sorrio levemente.

— Porque o amor vale a pena.

Ela ri e dá um leve beijo na minha testa.

— Então, sabe o motivo de eu ter voltado.

Solto o ar aliviado. Levanto-me e aviso que é melhor continuarmos fugindo, muito em breve vão perceber que eu não estava mais na cela.

— Vamos embora. — Dou um sorriso e aperto a mão dela. — Existe muita coisa para você ver.

Estalo meus dedos, sabendo que estávamos deixando para trás uma cela em chamas e uma torre vazia. Sabia que a nossa vida inteira estava ficando para trás,

mas valeria a pena.

Espero conseguir proporcionar as aventuras que Bárbara tanto sonhou viver.



Correio Elegante

AUTORIA BRUNA PAIVA

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Tem 19 anos e é universitária. Desde que se entende por gente tem um grande fascínio e paixão por seres místicos, principalmente sereias. Na verdade, pasmem, é uma fanática por histórias fantasiosas. O amor romântico tem chamado sua atenção como uma grande oportunidade para se aventurar na escrita. Nada como uma paixão avassaladora para arrebatá-lo um coração.

Meu amor,

Estou agora à beira do mar, porque estar aqui me faz pensar em você.

Dizer que eu não chorei naquele dia seria contar uma mentira — isso é fato. Não foi nada escandaloso, você sabe que isso não é do meu feitio, mas lágrimas que nem sequer pensei possuir invadiram meu rosto naquela paisagem majestosa e sublime. Escancarando a ironia entre o que eu via e aquilo que eu sentia. Foi naquele momento em que você desapareceu, engolida pelas ondas, que eu pude perceber o quão vazio eu sou sem a sua presença, e o quão patético isso pode ser.

Não, eu não estou bem, mas já estive pior. Antes eu não entendia o significado de tudo aquilo que vivemos, nosso amor ardia, disso eu tinha certeza, e os primeiros momentos sem você fizeram todo aquele ardor queimar ainda mais a dor que se instalava em meu peito.

Falei com suas irmãs, porque precisava de uma prova de que tudo não tinha passado de uma ilusão, e elas foram bem receptivas. Penso que você deve ter falado com elas e as diferenças tenham sido deixadas de lado. Com isso tive uma certeza, não foi por elas que você voltou às águas, foi por você. Falaram que você me amava, mas não nego que naquele momento revoltoso não dei ouvidos. É como dizem, a dor pode cegar mais do que a raiva, e meu coração estava com você, preso no fundo do mar. Não havia chances de salvá-lo do afogamento.

Depois de alguns dias, meus ânimos se acalmaram, assim como o mar depois da tempestade, cujo cenário faz qualquer um duvidar da natureza instável do oceano. Lembrei do que uma vez você me falou, talvez numa tentativa de me preparar para o que aconteceria, e suas palavras foram: “Se nossa distância fosse uma distância d’alma, tudo estaria perdido. Mas só nossos corpos se afastam. E isso, nós

podemos resolver”. Na época, pensei que fosse uma citação que trazia à tona nossa conexão, desde sempre mais que corpórea. Gostaria que, naquele momento, você pudesse ter confiado em mim e me contado seus planos.

Enfim, do que adianta remoer sobre o que poderia ter ocorrido, mas não ocorreu? Nesta carta, minhas intenções são outras. Depois de tudo isso, eu segui, ou tentei seguir com a minha vida. Você sabia que meus últimos dias de tranquilidade estavam acabando e eu, mesmo que não completamente, entendi o porquê de você não querer ficar. Aquela era a sua natureza, nascida do movimento e embalo de águas quentes, sua estadia aqui já tinha sido dura. Aprender etiqueta à mesa, usar vestidos e acessórios que nos privam de movimentos e liberdades, a vida num palácio não é fácil, principalmente se você ocupa uma alta posição na corte.

Quase esqueci de comentar, mas ontem foi minha coroação. Agora sou Rei Erick, o desbravador. Fico envergonhado de dizer que o meu título remete aos meus antigos dias de exploração ao mar e você, mais que ninguém, vai saber que quase todas as minhas vitórias e conquistas, na verdade, eram apenas a sua maestria e liderança nos mares. Lembro-me, ainda hoje, de como a conheci. Era uma noite tempestuosa e o mar não parecia querer dar trégua aos marujos de primeira viagem como eu. Lutei ao máximo junto com a tripulação para não perecer em meio aquele vasto oceano, mas a onda que me levou ao naufrágio foi tão rápida quanto o encanto que senti quando os nossos se cruzaram. Você veio como uma misteriosa ninfa dos mares e salvou a vida de todos nós, mesmo que anonimamente, quase que por milagre ou intervenção divina.

Mesmo assim, tivemos o nosso momento e esse segredo ficou selado num beijo. Depois desse nosso pequeno pacto tudo que nos separaria, nossas diferenças e medos, se calou. Foi uma época doce, nada, ou quase nada, estava como empecilho para nós dois. Mas eu não percebia que tudo o que você fazia por mim, tinha um preço. Um preço que só você estava pagando, peço desculpas por isso agora. Agora eu sei, você se foi para seguir um sonho, um em que eu não poderia estar. As responsabilidades nos prendem, e você sempre soube que eu não abandonaria as minhas.

Espero que você esteja explorando e catalogando as cavernas submersas, como sempre amou, que você esteja cantando até que seus pulmões percam o fôlego, que esse vasto mar se torne pequeno perto da sua curiosidade. Mas que nada disso a faça se esquecer de mim.

Por isso escrevi a carta. Por isso enrolo um papel e o ponho numa garrafa, num estúpido apelo aos mares, para que levem minhas palavras até você. Para assim poder dizer que, apesar das ações abruptas, hoje eu entendo, pelo menos mais que no passado, que meu amor por você nunca seria este que sinto agora se não pelo resultado da sua ausência. Não que meu amor antes fosse pouco, mas que sem você só me resta ele para pôr num pedestal, e disso ele se fez muito maior.

Não posso me alongar, acho que o tempo me fez sentimental, principalmente aquele sem você, e não gosto dessa sensação que agora se instala no meu peito. Termino, assim, respondendo suas palavras uma vez citadas com versos. Estes, agora dedicados a você, minha eterna Pequena Sereia.

“E o meu amor se foi, como as ondas
Que assustadas com a areia, as tocam e se vão
Não foi o canto da sereia, não foi só uma paixão
Me deixou com a brisa e maresia
Me deixou, mas levou meu coração
Se hoje ando descalço pela areia
É na esperança que ela volte
Porque pra mim maré cheia
É sinônimo de sorte”

Com carinho e ternura,
seu eterno príncipe.

A Bruxa

AUTORIA ANNA TOLEDO

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Tendo a matemática como profissão, escrever se tornou uma válvula de escape durante a pandemia. Entre letras e números, Anna Toledo costuma dar vida à imaginação criando romances em sites de fanfictions. “Um pouco de música” e “Cada qual com seu Natal” são suas primeiras contribuições a uma obra no mundo das antologias.

Um quarto do sol se punha quando Sir William adentrou no inóspito condado de Derby em direção à taberna. Aquela poderia ser a última missão dada pelo príncipe antes de se tornar cavaleiro.

“*Ladrões de estrada? Brigas entre camponeses?*” A resposta, entretanto, lhe arrepiou por completo.

— Uma bruxa?!

— Sim, senhor — o taberneiro explicou enquanto servia cervejas. — Ao norte da floresta. Os pastores sempre concordam em soltar algumas cabras próximas à clareira para mantê-la satisfeita longe daqui, mas esse ano... Colheita ruim, impostos cada vez mais altos, Lammas se aproximando... Precisamos de uma solução definitiva!

Observou as pessoas na taberna, a maioria com vestes simples, mesmo em período de festividades. O chamado vinha acompanhado do desespero sobre o desconhecido, cabia a ele usar seu conhecimento em prol do condado.

O taberneiro indicou um funcionário, Benjamin, para lhe atender no que precisasse. O jovem de aspecto agressivo carregava algumas canecas quando foi abordado a respeito do quartinho de hóspedes. Logo indicou o local nos fundos.

— O que mais posso fazer por vossa senhoria?!

— Preciso de informações sobre a floresta ao norte. Um guia, pelo menos.

Seu rosto empalideceu como o pano de prato em seu ombro, nem mesmo seu olhar de escárnio sobreviveu à pergunta.

— Ninguém entra lá... Pelo menos ninguém com o mínimo de razão. — Ouviram algumas risadas ao fundo e viram um corcunda encapuzado entrando pela porta e sendo alvo de chacotas. — Talvez o louco Madsen possa te ajudar, se entender alguma coisa dita por aquele lunático. Ele costuma colher mirtilos na flo-

resta e sempre volta intacto... Pelo menos, tão intacto quanto é possível para uma abominação.

Benjamin logo se afastou, indo em direção a outras mesas. Com um otimismo inabalável, William se dirigiu ao homem misterioso exibindo seu típico sorriso sulista.

— Posso lhe pagar uma bebida, senhor?

— Um forasteiro, presumo. Do que precisa, Sir?

O tom franco, quase rude, lhe pegou desprevenido.

— Eu... Procuo alguém que conheça a floresta, que possa me apresentar as particularidades da região. Me recomendaram você como o melhor para esse trabalho!

— Melhor ou único? — Aquilo parecia ser alguma piada interna para o estranho à sua frente. — Que seja... Esteja amanhã ao nascer do sol na saída norte do condado, sem essa parafernália de metal. Não atrapalhe minha rotina e quem sabe aprenderá alguma coisa.

O taberneiro colocou algumas moedas no balcão pagando pelas frutas e tão rápido o encapuzado chegou, logo saiu da taberna, deixando para trás o jovem William intrigado.



O movimento em um vilarejo se inicia muito antes do nascer do sol. Já era possível sentir o cheiro do pão fresco e o calor do forno ao se passar na porta da padaria. William usava vestes comuns, como Madsen havia requisitado, exceto pelo escudo de metal. O brasão de sua família servia como um ponto de apoio para lidar com as atrocidades que sempre encontrava em sua jornada. Já havia encontrado bruxas antes, mas seria a primeira vez que resolveria o problema sozinho.

— Duvidei que viria.

Sem o capuz, o corcunda parecia um garoto de sua idade. *15, 16 anos?* O corpo miúdo e mechas escuras cobrindo os olhos contrastava com a voz gasta pelo trabalho árduo.

— Agradeço pelo auxílio, lou... Senhor Madsen!

— Me chame de Sebastian. — O guia logo desviou o rosto e começou a caminhar em direção a saída do condado. — Teremos um longo dia pela frente e não podemos perder a luz do dia. Vamos andando, Sir.

— William.

— O que disse?

— Pode me chamar de William... Ou Will.

Como se experimentasse o sabor daquele nome em seus lábios, repetiu.

— William... Will... Vamos andando, Will.

Seguiram a campina iluminada pelas frestas douradas até alcançarem uma entrada na floresta. A imensidão das copas fascinava o escudeiro. Podia ter viajado para vários condados, mas havia algo mágico na forma com que se impunham formando uma cobertura densa. O guia falava com certo orgulho sobre o lugar, como se toda a floresta fosse sua casa. Não se lembrava de qual foi a última vez que falou por tanto tempo e apreciava a atenção. Explicou em poucas palavras como encontrar o rio observando raízes e musgos.

— Caso se perca, encontre o rio e o siga na direção da água. Eventualmente voltará para o condado, não importa onde esteja.

— E na direção oposta?

Não houve respostas, apenas um sorriso como se avisasse para não abusar da sorte. Caminharam até que o sol estivesse a pino e ouviram o som do rio. No percurso, vez ou outra se abaixaram e deixaram que a vida da natureza seguisse seu caminho. O respeito do guia com o ambiente destoava do arquétipo ao qual William foi alertado, parecia uma boa pessoa.

— Por que te chamam de louco Madsen?

A pergunta escapou enquanto ambos atravessavam o rio com as botas em mãos.

— É complicado. Quando meus pais morreram eu continuei nosso trabalho com os mirtilos. Um dia o padre me chamou de louco na missa porque recusei me casar com a filha do padeiro. Ela acabou indo para o monastério e eu virei o louco Madsen, que mora numa floresta amaldiçoada e recusa o casamento de belas moças.

— Eu te entendo...

Sebastian lhe encarou com curiosidade, o escudeiro não parecia alguém que *entenderia* o que levaria um rapaz a recusar um bom casamento como aquele.

— Entende, é?

— Sim! Quero dizer, também tenho essa vontade de me casar apenas quando me apaixonar pela moça certa... Mas se eu cumprir esta missão, devo me tornar um cavaleiro e talvez receba o título de baronete do meu suserano, que provavelmente me colocaria num casamento forçado.

Os olhos negros cobertos pela franja pareciam ligeiramente decepcionados, mas não surpresos. O escudeiro claramente seguia as escrituras e não teria os mesmos *motivos* para recusar uma pretendente. Sorriu com a constatação, havia certo charme na inocência emanada pelo outro.

Horas se passaram até chegarem nos arbustos de mirtilos. O mais novo ensinava sobre as frutas e os segredos do lugar, enquanto o forasteiro inevitavelmente lhe enchia de perguntas sobre animais e plantas venenosas com os quais devia se atentar.

O sol começava a baixar quando caiu a ficha de que *não poderia* voltar tarde da noite com William. Precisava acompanhá-lo até o condado. Logo.

O som dos pássaros aumentava, corujas eram vistas saindo de suas tocas e começaram a piar, assim como o coaxar de sapos. A floresta parecia definitivamente mais assustadora com a pouca iluminação do fim da tarde.

— Você já a viu?

— Quem?

— A bruxa.

— Então já lhe contaram sobre a crendice. Isso é besteira... Não há uma bruxa devorando criancinhas e sequestrando animais dos camponeses. Infelizmen-

te existem pessoas ruins e não precisamos fingir que são bruxas para acreditar na sua maldade.

William ficou pensativo por um momento.

— Bem, podem te chamar de louco, mas é a pessoa mais sensata que já conheci em minhas missões. Entre lobisomens que não passavam de grandes lobos ou maldições se revelando venenos jogados em plantações, acreditar em pessoas ruins ao invés de bruxas assustando fazendeiros me parece bastante sensato.

Sensato nunca foi uma palavra usada para descrever Sebastian e isso o agradou.

— Mas você já viu...?

— Will.

—Tendo visto ou não, caso apareça uma bruxa em nosso caminho hoje, fique atrás de mim, por favor. Você é especialista em sobreviver em florestas, mas é meu trabalho te proteger.

Ali, no breu que se instalava em meio às árvores, Sir William poderia não ver, mas deixou Sebastian encabulado.

Chegaram no ponto em que deviam atravessar o rio novamente pela correnteza. O mais novo atravessou com um dos sacos de frutinhas azuis e depois voltou para ajudar o outro na travessia. A correnteza parecia ligeiramente mais forte e só a experiência diária garantiria o cuidado necessário em cada passo.

Quando estava prestes a encerrar a passagem, um pisar em falso o levou a escorregar. Sebastian não conseguiu segurá-lo o suficiente e William chocou-se contra as pedras na beirada. Sua última ação antes de desmaiar foi olhar para cima e perceber a grande lua cheia passando alguns rastros de luz pelas frestas das árvores. Aquela era, de fato, uma bela vista.

Com esse pensamento em mente, o jovem escudeiro pincelou em rubro as águas do rio e então adentrou o mundo dos sonhos.



William acordou em uma clareira, deitado sobre o que pareciam ser muitas almofadas empilhadas num lugar iluminado por velas. Sua cabeça ainda latejava e sentia certa dormência no local da concussão. Ao seu lado, o mais novo ainda segurava sua mão, seu corpo parecia sujo de água e lama e se encontrava num sono profundo.

— Meu irmão tem sono pesado, pode falar à vontade.

William se surpreendeu com a figura de uma moça usando uma coroa de alce sobre a cabeça lhe encarando como uma verdadeira predadora da floresta.

— Você é...

— Meu nome é Rebeca Madsen, mas pode me tratar como os moradores do condado me apelidaram: eu sou a bruxa.

Cabelos negros como a noite. Olhos intensos. A bruxa lhe encarava frisando os olhos, pronta para reagir.

— Você veio aqui para me matar. Conheço o brasão em seu escudo. Sei o que eles fazem com mulheres como eu.

Suas palavras soavam como um diagnóstico... E estava certa. Funcionários da coroa matam bruxas há séculos.

— O que fez com meu irmão? Ele não costuma confiar em ninguém, sabe que não pode. Mas aqui estamos nós, eu gastando meu precioso extrato de bálsamo com alguém que me cortaria com a espada se tivesse uma à disposição.

— Sebastian é... Uma boa pessoa.

— Eu sei. Você é?

— Eu... — O escudeiro olhou ao redor e viu seu escudo sobre uma mesa, longe o suficiente para alcançar, então encarou o jovem ao seu lado ainda segurando sua mão e uma estranha sensação de conforto lhe preencheu. — Eu sou amigo dele.

Por um segundo, os mais atentos poderiam perceber uma ínfima expressão de surpresa escapando no canto dos lábios.

— Eu posso cuidar de um amigo do meu irmão.

A madrugada seguia com a bruxa e o escudeiro conversando sobre assun-

tos menos hostis, como se evitassem o inevitável confronto decorrente do que o escudeiro faria dali em diante. O diálogo passou por tipos de ervas usadas em seu machucado na cabeça, então por quais lugares já havia visitado. A moça parecia curiosa sobre as terras para além do pequeno condado.

— Por que continua aqui? Você parece querer viajar para o oeste e definitivamente não é bem-vinda onde está.

William acabou adentrando em um assunto delicado. Isso implicava ouvir sobre o que estava evitando a todo custo aceitar: Rebeca era uma bruxa.

— O coven da minha família há muito tempo se mudou. São andarilhos... Já recebi algumas visitas, mas... Não posso ir com eles, não posso deixar meu irmão para trás sozinho.

— Então ele não é...

— Oh! Não. Ele não é um bruxo. Ainda assim, poderia vir comigo se eu pedisse, mas não posso colocá-lo em perigo. Bast é diferente. Eu não poderia protegê-lo do que fariam com ele se descobrissem... Seria um destino tão terrível quanto o que vocês fazem com as bruxas.

William não entendia. *O que poderia ser tão terrível quanto a queima às bruxas?*

— Em que é diferente?

Rebeca hesitou em explicar a situação, mas se o outro estiver mesmo disposto a ser amigo de seu irmão, não há espaço para meias verdades. Sua reação definiria o que a bruxa faria com o escudeiro vulnerável em sua cabana.

— Depois que nossos pais morreram, meu irmão passou a estudar com o padre e foi visto beijando outro fiel na capela. Poderiam denunciá-lo por sodomia, mas preferiram colocá-lo em um casamento bem visto aos olhos do deus Cristão. Bast fugiu e veio morar na floresta, como eu. Todos o tratam como uma aberração, mas... Seria muito pior se soubessem da verdade. Aqui ele está seguro.

Rebeca continuava falando, mas a mente do escudeiro passou a devanear vendo flashes de memórias. Já presenciou guerras, massacres, mortes, torturas... E

toda essa destruição poderia ser destinada a esse ser inofensivo que dormia ao seu lado. Não fazia sentido a ira de Deus destinada a alguém como ele, simplesmente não parecia justo.

Os primeiros raios de sol surgiam no horizonte. A floresta perdia um pouco de seu aspecto horripilante e lembrava ao escudeiro como aquele lugar era esplêndido.

— Você salvou minha vida. Isso é uma dívida, e eu honro minhas dívidas. Sabe o que me trouxe ao condado, o que me pediram para resolver... Mas posso colocar um ponto final em minha busca. Caso haja alguma nova denúncia sobre bruxaria, terminarei meu trabalho.

— Temos um acordo, Sir.

Junto à manhã, Sebastian acordou encontrando, aliviado, sua irmã e William numa conversa despreocupada sobre migração de pássaros. Não poderia imaginar o que se passou durante a madrugada, mas a expressão otimista do escudeiro o levava a crer que não estava mais tão preocupado em se deparar com uma bruxa na floresta enquanto realizar o que quer que seja seu trabalho. No máximo, ela o convidaria para tomar chá.

A dupla caminhou junto até os limites da floresta. Olhavam-se como se evitassem o momento de despedida e algo os incitava a se reencontrar.

— Acho que ainda preciso de um guia. Ficou claro que não consigo lidar com eventuais adversidades que podem me acontecer no caminho. Talvez, eu possa lhe acompanhar de novo.

O guia lhe encarava com curiosidade. Não poderia negar que gostaria de passar mais tempo com seu novo amigo, mas não entendia porque esse desejo era correspondido. O que um escudeiro como ele poderia ganhar com isso? *Mais informações sobre a floresta?*

Sebastian sorriu, deixando William com borboletas no estômago. Pelo visto teria ajuda com buscar a água, preparar as frutas e caçar. E uma ajuda tão bem-afei-

çada com certeza seria bem-vinda. Para o escudeiro, cada momento juntos incitava a voltar no dia seguinte, sentia-se empolgado com a ideia de estar ao seu lado.



A dupla nem percebeu que já estavam há semanas se encontrando todos os dias, fazendo refeições juntos, cozinhando, às vezes cochilavam juntos depois de muito trabalho. O escudeiro não conseguia entender, mas em alguns desses momentos, bastava olhar para o outro que todo seu corpo se aquecia e perdia a noção do mundo ao seu redor. Só restava ele, sorrindo como ninguém jamais havia visto, nem mesmo...

— Ben?

Estranhou o pedido. Já se preparava para voltar ao condado quando o outro estendeu um pacote com mirtilos e pediu para que falasse com o funcionário da taberna.

— Sim. Costumo entregar para ele as entregas menores de mirtilos. Se puder entregar para mim e lhe dar um recado, eu seria eternamente grato.

— Qual recado?

O escudeiro estranhou seu olhar, como se estivesse desconfortável com o que diria a seguir.

— Que não irei visitá-lo mais, só isso. Ele vai entender.

Refletindo sobre o recado peculiar, voltou para a taberna onde encontrou Benjamin servindo mesas com seu jeito desembocado, lhe indicando a encomenda em mãos.

— Mais uma coisa, Sebast...!

Benjamin puxou-o sem cerimônias para fora da taberna antes de continuar a conversa.

— Ficou doido? Ninguém fala em público do louco Madsen se não for para

tirar sarro... — mudando a postura, continuou. — O que tem o Sebastian?

Pelo visto você sabe tratá-lo pelo nome certo. Por algum motivo, essa constatação o incomodou. Informou o recado e de todas as motivações que chegou a imaginar para o recado, a reação explosiva superou qualquer palpite.

— Por quê?! Isso não faz o menor sentido! Ele não pode simplesmente deixar de... Você! Acha mesmo que um forasteiro da realeza pode simplesmente tomar minha querida?

— Sua querida..?

— É como eu... Não importa! Sebastian é meu, não percebe? Você vai simplesmente largá-lo para a próxima viagem... Mas nós dois estamos presos aqui, ele é o único que eu... Posso...

As engrenagens se encaixaram na mente do escudeiro. O que Benjamin era para Sebastian e, mais importante, o que Sebastian era para Benjamin, ao mesmo tempo em que era tratado de maneira miserável pelo mesmo. Já era inacreditável como as pessoas o tratavam com escárnio, mas saber que Benjamin fazia o mesmo enquanto *se aproveitava* de Sebastian, resultou em William completamente em fúria.

— Nunca mais toque em nem um fio de cabelo dele!

William prontamente voltou para seu quarto antes de cometer uma atrocidade.

Naquela noite, ele não conseguiu dormir direito. Se poluiu com imagens de Sebastian sendo encurralado por um certo taberneiro. Seu amigo tinha um olhar sem esperança enquanto se deixava receber beijos e toques e... Então William acordava.

Enquanto remoía tais pensamentos, uma vontade de falar com Sebastian lhe consumia. Ele precisava saber que não devia se contentar com alguém como Benjamin. Que merecia alguém que lhe respeitasse, que fosse gentil e carinhoso e que... *Simplesmente gostasse de estar ao seu lado.*



Longe dali, um grupo de homens se reunia na taberna para ouvir um relato horrorizado vindo daquele que os servia cerveja toda noite. Seus olhos, entretanto, revelavam um cinismo mesquinho.

— Tem certeza disso?

— Eu vi com meus próprios olhos quando ele se transformou! Não percebem como faz sentido? Ele vive na floresta, quase não o vemos mais na igreja!

— Então o louco Madsen é...

— Sim, a bruxa.

Todos ao redor deram um passo para trás e lembraram momentos que interagiram com a bruxa, correndo risco de vida.

— Onde está nosso escudeiro? Ele é o único que pode dar um fim nisso!

— Receio que seja tarde demais... Ontem mesmo eu o vi sendo enfeitado pela bruxa, mas felizmente há uma solução. Um conhecimento antigo diz que os feitiços de uma bruxa são destruídos se ela for queimada durante o festival do Lammas. Basta queimarmos a bruxa!

— Isso quer dizer que...

— Não podemos mais nos esconder. Avisem todos, peguem seus facões, lanças e garfos! Precisamos invadir aquela floresta e prender a bruxa!



A manhã do grande festival da colheita nunca pareceu tão calorosa. William não parava de sorrir enquanto seguia para a saída do condado. Precisava falar sobre um sentimento que não sabia explicar, mas que sentia ardentemente.

Como um soldado cristão, já havia presenciado a execução de muitos pecadores, punindo cruelmente pessoas igualmente monstruosas. Mas aquilo? Não acreditava que Deus veria com maus olhos, Sebastian apenas lhe fazia bem e nisso depositava sua fé.

De repente, viu a multidão furiosa retornando da floresta com armas em punhos e seu coração se despedaçou imaginando o pior.

Seu primeiro desejo foi o de correr floresta adentro. Se algo aconteceu a Rebeca, ele precisaria de todo apoio possível, então ouviu os cochichos das senhoras na padaria sobre como estavam chocadas com a revelação do Louco Madsen *ser* a bruxa. Aparentemente, estava preso na igreja e seria queimado durante o Lammas.

A menção à fogueira feriu como um punhal no peito. William sabia que não seria capaz de convencer do contrário uma multidão enfurecida acreditando ter capturado a bruxa. Para salvá-lo, ironicamente, *precisava de uma bruxa de verdade*.

Correu para a floresta. Podia ver ao longe a fumaça criando uma trilha até as frutinhas azuis que tanto se afeioou nos últimos dias. A respiração pesada e a visão turva lhe impediam de pensar com clareza. Sentia-se andando em círculos, até que tropeçou caindo sobre um musgo putrefato. Então se lembrou.

“— *Caso se perca, encontre o rio e o siga na direção da água. Eventualmente voltará para o condado, não importa onde esteja.*”

“— *E na direção oposta?*”

Na direção oposta encontraria a bruxa!

Olhando no chão, encontrou os rastros das raízes corroídas pelas chamas. Os musgos indicavam um caminho. Para o rio. Por fim, para a cabana.

Rio acima avistou uma mulher com vestes escuras e adereços de ossos enquanto dançava ao redor de uma fogueira.

— Escudeiro...

Algo em seus olhos parecia morto por dentro, como se já soubesse o que ocorreu com seu irmão. E ela simplesmente dançava, isso o enfureceu.

— Rebeca... Você precisa salvá-lo... Eles... Eles querem a bruxa... Certo? Sebastian não vai sobreviver à fogueira, mas você... Você consegue!

— Eu... Não sei.

Suplicou.

— Você é uma bruxa! Sei o que elas conseguem fazer. Pode controlar o

tempo, a mente, pode voar se desejar!

— Eu nunca... Não é tão simples. Não podia chamar atenção ou viriam atrás de nós. Na minha primeira tentativa de feitiços com o sangue de cabras, me notaram e enviaram você. Nunca usei magia de verdade, agora não tenho como salvá-lo... Estou procurando ajuda, mas a floresta parece silenciada. Não sei o que fazer!

A bruxa estava se esforçando para não ceder em lágrimas, o escudeiro prontamente lhe apoiou.

— A magia faz parte de você tanto quanto o sangue que corre em minhas veias. Aqui. — Ofereceu o próprio braço para o pagamento em sangue — Você precisa tentar, é nossa única esperança.

Enquanto falava, forçou a mão com a ponta de sua adaga fazendo um corte profundo o suficiente para que um pouco de sangue escorresse. Ainda trêmula, a bruxa respirou fundo e procurou respostas em suas lembranças.

Ao longe, quem se atentasse para olhar para o topo das grandes árvores, veria as labaredas espalhando as chamas para a floresta. Toda a vida que se erguiam ao redor daqueles seres centenários estava prestes a ser consumida, quando, de repente, nuvens se acumularam e começou a chover.

A Bruxa, um dos instrumentos da mãe natureza, sentiu-se pronta para contra-atacar.

Enquanto isso, há quilômetros dali, o povo se reunia na praça ao redor da fogueira montada para Madsen. Seu rosto estava apático para a festa que ocorria ao seu redor, como se aceitasse o seu destino e libertasse sua irmã do fardo de lhe proteger.

A música diminuiu, restando apenas o som de um tambor lento que crescia progressivamente com a chegada de seu carrasco, Benjamin.

— Quais são suas últimas palavras, criatura do demônio?

Com a luz do fogo refletindo em seus olhos, o louco Madsen sussurrou.

— Aproveite o espetáculo, querido.

Fechou os olhos e buscou se lembrar de bons momentos, se transportando

para longe dali. Longe das chamas, das pessoas... Onde poderia ver Will. O escudeiro. Sentia-se como se pudesse ouvir sua voz ao longe.

— Sebastian!

O jovem acordou de seus devaneios vendo um cavaleiro todo vestido com uma armadura radiante correndo com o escudo em mãos. Não entendia suas palavras, mas o condado inteiro abria espaço.

Logo sentiu o estrondo do escudo contra a tora na qual estava preso, sendo derrubado para longe da fogueira.

— Confie em mim. Eu tenho um plano — sussurrou e, em seguida, gritou — O senhor Madsen não é uma bruxa! Ele passou os últimos dias me ajudando a procurá-la na floresta. Hoje eu a encontrei!

O quê?

— A bruxa!

Sob o olhar atônito de todos e a mágoa vingativa de Benjamin, uma jovem de cabelos negros acorrentada andava em direção a fogueira. Usava chifres de cervo e outros ornamentos em ossos. Logo foi colocada em uma nova fogueira.

Sob os gritos de “Encontro todos vocês no inferno!”, o fogo se espalhou pelo feno. William segurava Sebastian de modo que não pudesse interferir, o calor da fogueira combinava com a dor que imaginava consumir o outro. Em uma explosão de chamas, toda a madeira foi consumida em luz.

As cinzas findando o espetáculo levou aos poucos à dispersão do público que seguiu para outras comemorações do Festival da Colheita.

Restava apenas o casal, Sebastian chorava. De repente, algumas cinzas se moveram revelando um pequeno pássaro quase completamente depenado. Seu corpo miúdo logo se desvencilhou do carvão e tomou voo sem que mais ninguém do condado o visse.

— Aquilo é um...

— Um corvo. Costumam voar em bandos, mas esse esteve sozinho por muito tempo. Agora vai enfim encontrar seu bando.

— Ela não vai voltar? Nem se despediu...

— Corvos costumam migrar para o sul, próximo ao mar. Talvez nós a encontremos lá... Se desejar vir comigo, eu apreciaria sua companhia.

William realmente estava propondo o que imaginava?

— Hora de reportar à coroa. Acredito que, ganhando o título de cavaleiro, posso requisitar meu próprio escudeiro. Estaria interessado? Não teremos uma floresta, mas o mar também possui seu charme. Podemos cuidar um do outro... Juntos. Ser mais um louco que recusa o casamento com belas moças não me parece tão ruim assim.

Sebastian sorriu melancólico acreditando no início de um merecido conto de fadas.



Apoie a revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos.

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 revistamacadoamor.com

 @leiamacadoamor  @leiamacadoamor

Créditos

Equipe editorial

Ana Farias Ferrari
Camila Paixão
Luísa Scheid
Tatiane Lucheis
Thais Rocha

Equipe de design

Rafael Lopes

Autora convidada

Laeticia Monteiro

Autoras selecionadas

Anna Toledo
Bruna Paiva
Carolina Saiki
Elisa Guimarães
Letícia Monalisa Andrade

Apoiadores

Ariane Barreto Haagsma
Bárbara de Lima Morais
Elizabeth Fortunatti Albregard
Érulos Ferrari Filho
Igor Canko Minotto
Nicole Alcântara Botelho

Antigos Apoiadores

Benjamin Franco
Camila Cristina Crosnac Fracalossi
Daniele Ferreira
Diego Toledo
Lucas Eiji Kong Fukue
Velani Salim Diz
Willian Miyasaka